

"SOBRADOS E MUCAMBOS" VISTO POR UM SERTANEJO

Por THIAGO G. DE OLIVEIRA

Sempre me considerei um grande admirador de Gilberto Freyre, ou antes, um autêntico caboclo nordestino a reverenciar o mestre.

Iniciando-me em sua original sociologia, como o livro "Casa Grande e Senzala", onde a mente do renomado mestre se extravazava em asserções, sugestões e interpretações curiosas do mais alto quilate, fui-lhe acompanhando a gloriosa ascensão pelos ainda invios e virgens espaços de nossa sociologia.

E, com cada golpe que o seu brilhante espírito vibrava contra o preconceito e a falsa ciência que dominava a cultura brasileira, meu coração de sertanejo parecia receber novo alento e nova vontade de sair, pelo mundo afora, a proclamar as excelências do gênio brasileiro, tão bem representado no caso.

E que Gilberto Freyre empolgava, convencido dominava pela força de sua sábia argumentação pela solidez de seus conhecimentos, pela objetividade do método que estava pondo em prática, enfim, pelo próprio modo todo especial e desataviado com que sabia dizer as coisas. Aliás afirmava com a segurança doutrinária de quem penetrou no âmago das mesmas com a visão de mestre e a alma de brasileiro.

Eis, porém, que uma inexplicável mudança se observa no discípulo dileto de Franz Boas, e esta é boa... de há uns tempos a esta parte. Não se sabe por que estranha mandinga ou mandraco, para não dizer catimbau, o inigualável sociólogo de

Pernambuco desata a expelir contradições e contrassensos numa louca mania de generalização, tão do agrado de certa espécie de pseudos-cientistas do Brasil Oriental.

Em seu recentemente reeditado "Sobrados e Mucambos", por exemplo, há afirmações tão descabidas, que não chegamos a afinar com a intenção do famoso autor: se está brincando com o leitor ou procurando impingir-lhe forte dose de dislate em lato, pensando estar numa terra de milopes intelectuais, talvez de cegos, ou, coisa mais grave ainda!...

Lá vai o rosário. Primeiro, começa dizendo que não é lusófilo, nem negrófilo, nem tampouco inimigo dos jesuítas. Mas, logo adiante, procura equiparar o escravo africano ao destemido vaqueiro ou arrojado peão, o austero senhor de engenho ao estancieiro do Rio Grande e ao dono de latifúndios do meu combusto Nordeste, precisamente a zona do gado. Diz que a relação é a mesma: pai, filho, senhor, escravo, latifundiário, peão; jesuíta, índio aldeado, donos de sobrados, portugueses açorianos, trazidos em tráfico; inequivocamente, tudo dentro do patriarcalismo acatado, escravocrata monocultor, que tem o paradigma na sub-área do Nordeste, litoral de Pernambuco.

Como estão vendo, é uma generalização muito forçada. Quase mórbida: tudo terá que caber dentro do esquema escravocrata de Gilberto: o peão ou vaqueiro, que nunca foi comprado e vendido como o africano, mas, ao contrário, lá no Nor-

deste, é uma espécie de substituto ou parceiro a meias do dono da fazenda (como, muito bem, frisou o genial Euclides nos "Sertões" e mesmo presenciou "in loco" este mameluco que escreveu o presente e despretencioso trabalho, e que descende de famílias de vaqueiros dos contrafortes da Serra da Borborema); o português açoriano, que pertence à raça escravizadora; o filho do senhor de engenho, que se servia à solta das negrinhas e possuía, para os brinquedos, o malungo, etc. etc. Todos equiparados ao escravo!!! Mas, "dotô", começando desse jeito"...

Entretanto, não fica aí a falta de coerência do mestre: "o mucamba é o mesmo tejupar, choupana, casa de caboclo. Sociologicamente, não apresenta diferença". No Rio Grande do Sul, ele encontrou gente morrendo de fome. Nada das clássicas faces rosadas.

E, ainda mais: "a bravura do gaúcho vem do negro, pois, o negro cedo se impôs pela sua bravura, nas terras do Rio Grande do Sul".

Imaginem só: no Rio Grande, a terra tradicional dos preconceitos contra os escuros filhos da África, lá na heróica terra dos grandes lances de heroísmo, onde o preto, ainda hoje, fala ao branco (ao patrão) de chapéu de mão!

Prossigamos. Os vultos eminentes das letras, que surgiram no Maranhão, na antiga Atenas Brasileira há pouco transformada em Esparta... Minas, e pontos outros do Brasil, por via de regra, considerados mamelucos, agora se transformam em cafusos (de chofre, diria o proeminente autor de "Contrastes e Confrontos"), "porque as índias preferiam os negros até aos próprios portugueses". Se assim, não seria o caso, então, de perguntar por que as pretas preferem os portugueses aos pretos? Qual a resposta, augusto mestre Freyre?

Façamos a "esteira" para derrubar o boi: o assunto também é de vaqueiro, o "padre Vieira era descendente de negra".

"Cadê as provas dotô?" Perguntar-lhe-ia o matuto sertanejo... Em que se estriba o conspícuo reformador da Sociologia Brasileira?

Não no-lo diz e talvez jamais o faça, porque se é em M. Bonfim que ele se baseia, então a sua incoerência não tem limites, como iremos ver.

A esta altura, vem a talho indagar dos motivos que teriam levado Gilberto Freyre a afastar-se do bom caminho que vinha trilhando.

Só poderá dar cabal explicação da súbita transformação: o desejo assás anticientífico de reduzir o opróbrio da escravidão do negro ao mínimo possível, isto é, defender o injustiçado negro, em detrimento dos demais componentes da nacionalidade, principalmente o caboclo, nosso elemento básico, ao menos, do Brasil Interior.

E isto, porém, fazer ciência? Não! por certo. A mística africanista, por que se está ele deixando dominar, corre parêntese com o "misticismo indianista", que ele censura no finado Manoel Bonfim. Muito mais nociva, até, porque Bonfim não detratou o negro, em nenhum dos seus trabalhos. Terá bom fim tal sociologia?

Ao que parece, o sociólogo do Recife está sofrendo do mal das digressões antipedagógicas, dos processos assás condenáveis de uma hermenêutica de preferências étnicas (por que não diz ele que o Marquês de Pombal era descendente de índia, se é que não está torcendo para ninguém?), enfim, do próprio mal que emana das esquematizações e das intuições dos sociólogos que se alongam em poemas.

Se não fôra a certeza que temos das origens do nobre pernambucano, poderíamos falar em recalques...

Mas, acontece que o homem não é baiano. Gilberto é caboclo da gema (embora exquisto e sem consciência racial) como o provam seus cabelos e a expressão bondosa e ativa de seu olhar. Se tivesse consciência racial, não diria aos arianos dos Estados Unidos que é descendente de holandeses, como lemos em "Who's Who in America", 1946.

Um caboclo que se está redimindo das violências bandeirantes e dos impiedosos agôtes do Capitão de mato, à procura do infeliz escravo.

Nele fala a voz humanitária do cerne ameríndio embora em prejuízo do mesmo e da verdade científica.

E, é ele tão mameluco que, se não fôra esse negócio de estudar e ensinar sociologia aqui no Brasil e nos Estados Unidos, por certo a esta hora estaria com um gibão e chapéu de couro, a cavalo correndo atrás de bois no sertão de Pernambuco... ou, então assistindo a uma apatuação no espinhaço da Borborema, no longínquo Cariri, da minha indígena e cabocla terra paraibana...